



USP ESALQ – ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Gazeta de Piracicaba

Data: 06-12-07 (quinta-feira)

Caderno/ Páginas: Cidade / 7

Assunto: Artesanato com fibras da bananeira



Artesanato

A artesã Genilda Bezerra de Moraes, 40, moradora em Itariri, no Vale do Ribeira, mostra artesanatos feitos de fibras da bananeira. PÁGINA 7

Fibra de bananeira

ANA CRISTINA ANDRADE
Especial para a Gazeta

Foram 12 anos de tentativa de se tornar uma empresária, seguidos de muita persistência, até que a artesã Genilda Bezerra de Moraes, 40, moradora em Itariri, no Vale do Ribeira, tivesse o desejado retorno financeiro com o artesanato feito com fibras de bananeira - matéria-prima muito usada no Vale do Ribeira e é considerada a maior região bananicultora do Estado de São Paulo.

O assunto será tema de seminário hoje e amanhã, no Anfiteatro do Pavilhão de Engenharia da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), das 8 às 18h, mas as inscrições já foram encerradas. O evento contará com ple-

Artesã tem Penda de R\$ 7 mil mensais

nárias, grupos de trabalho e discussões, além de exposição de fotos do processo histórico do projeto, além da feira de artesanato. O objetivo do encontro é definir as principais limitações para esta atividade e discutir estratégias de viabilidade como alternativas sustentáveis de ocupação e renda.

A fibra de bananeira é mais utilizada hoje porque o cipó - que era uma fibra extremamente usada - tem sua extração proibida por conta da ameaça de extinção. Não há plano de manejo possível já que não se conhece o ciclo de reprodução dessa planta.

De acordo com Genilda, que começou seu trabalho há 12 anos por meio do projeto de Integração das Técnicas Artesanais à Extensão Rural da Esalq, sete famílias vivem hoje do lucro de sua empresa. Ela conta que nem imaginava trabalhar com fibra de bananeira. "O projeto chegou

Genilda Bezerra de Moraes expõe várias peças feitas com fibra de bananeira, em seminário que acontece na Esalq



Arquivo Twitter

a Itariri em busca de pessoas que tivessem alguma noção de artesanato. Na época eu confectionava cestaria com jornal e, por curiosidade, fui conhecer a fibra. Gostei, passei a investir no ramo e até hoje já transmiti meu conhecimento para 250 pessoas", declara.

A artesã diz que o trabalho não é difícil. "Utilizo o tronco da bananeira que é picado, cozido, triturado e recebe pigmentação dependendo do objeto a ser feito. Transformo o material em folhas de papel. São seis mil folhas por mês com medida de 75x25 cada e a unidade é comercializada por R\$3,50", explica.

O papel produzido em sua em-

presa é vendido para alguns empresários que fabricam cadernos, agendas e revestimentos para móveis e paredes. Para se ter idéia, segundo a artesã, uma folha de bananeira transformada em papel é suficiente para a confecção de três cadernos.

O investimento, de acordo com ela, ocorre aos poucos e é extremamente necessário. "O artesão que trabalha com fibra de bananeira precisa de um liquidificador, prensa, estufa. Hoje utilizo ainda uma máquina picadeira. Muita gente encontra dificuldade em começar este tipo de artesanato, mas acredito que as pessoas tem de se convencer que são capazes e devem persistir",

completa.

Seminário

Cerca de 200 pessoas ligadas ao artesanato de bananeira estão sendo esperadas para o seminário, segundo Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello, do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq, que desde que começou do treinamento - em 1997 - já capacitou cerca de 600 pessoas. "Não temos ao certo a quantidade de pessoas que trabalham com a fibra, nem mesmo em Piracicaba, porque muitas que aprenderam conosco são multiplicadoras e não temos esse controle", afirma.

O projeto, segundo Elisa,

abriga atualmente comunidades quilombolas, calçaras, e outras que convivem em locais com falta produção de bananas. Ela conta que a Esalq fez um mapeamento e constatou que o projeto percorreu o Brasil inteiro, desde o Amapá até Santa Catarina. No seminário, segundo ela, serão discutidas as principais dificuldades de quem trabalha com a fibra de bananeira e os entraves para a comercialização.

"A partir das dificuldades apresentadas vamos ver o que os órgãos ligados ao projeto podem fazer para ajudar aqueles que buscam a fonte de renda por meio do artesanato da fibra de bananeira", declara.